

5 Conclusões

“As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul –
Que nem uma criança que você olha de ave”
(Manoel de Barros, 1997, poema XIII).

O objetivo principal da tese foi investigar *o que pode um bebê*, qual a sua potência na rede de relações na qual está mergulhado. Para tal, fiz uma pesquisa de inspiração etnográfica no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro. Neste contexto, apoiada em autores e conceitos da Filosofia e da Antropologia²¹³, busquei tanto as técnicas que inscrevem a criança na cultura, quanto os movimentos iniciados por ela, que evidenciam construções criadoras, produção de linguagem (não-verbal), novos modos de relação dela consigo mesma e com os adultos.

A tese problematiza as formas tradicionais e dominantes de considerar o bebê, ou seja, a perspectiva da fragilidade, carência, dependência, necessidade, buscando seus modos próprios de iniciar e desenvolver contatos. A fotografia e os registros no caderno de campo funcionaram como recursos metodológicos da pesquisa que contribuíram para dar visibilidade ao que pode um bebê, expondo modos de comunicação, troca, criação que costumam ficar obscurecidos no cotidiano das creches.

O caminho trilhado permite apontar conclusões em 2 aspectos do trabalho no campo da Educação Infantil, que se interligam, mas podem ser analisados separadamente, tendo em vista clarear suas particularidades: os sentidos do *cuidado na creche*, considerado como sua função central e o foco na *potência dos bebês*, as particularidades das crianças de 0 a 1 ano. A seguir, vou focalizar cada um destes dois aspectos, organizando as contribuições da tese na reflexão sobre eles.

A história da creche no Brasil é fortemente marcada pelo viés higienista e sanitarista. O nascimento desta instituição esteve comprometido com o ideal de substituir os cuidados parentais, assistir, proteger, preservar as crianças pequenas, tendo em vista a manutenção do funcionamento produtivo da sociedade, garantido

²¹³ Refiro-me especialmente a Michel Foucault, Marcel Mauss e Mikhail Bakhtin.

pela participação dos pais, especialmente da mulher, no mercado de trabalho. A preparação para a escola, ou melhor, o contágio do modelo escolar também interfere nas práticas desta instituição.

Na tese considere que, se por um lado, assistir e cuidar têm sido faces mais fortemente reconhecidas como marcas do trabalho com as crianças de 0 a 3 anos; ao mesmo tempo, são ações desqualificadas, porque relacionadas ao doméstico e feminino, dimensões desprestigiadas em nossa sociedade ocidental, onde o modelo patriarcal predomina. De outra maneira, a função pedagógica/educativa é compreendida como instrução, também constituindo a criança como ser incompleto, não-lógico, em falta.

No contraponto destas visões, ou seja, do cuidado como algo instrumental e ligado somente à preservação física (dormir, comer e limpar) e da educação entendida como instrução (o que se materializa na questão “o que se deve ensinar aos bebês?”), proponho a re-qualificação do cuidado como uma face importante da relação entre adultos e bebês nas creches. Para tal, recorri ao conceito de cuidado, ou melhor, *cuidado de si* presente na investigação de Foucault (2004a)²¹⁴ acerca do mundo greco-romano.

Localizar a emergência do cuidado de si atrelado ao conhecimento de si implica em situar o cuidado/conhecimento como estranhamento de si mesmo, um trabalho sobre si, o que envolve indagação permanente. Este caminho teórico permite focalizar o trabalho das profissionais da creche como um trabalho de questionamento freqüente sobre suas funções, emoções e ações. Além disso, permite entender o trabalho com os bebês como incentivo à abertura de caminhos de encontro deles consigo mesmos, nos primeiros meses de vida, no momento em que nasce o si mesmo. A partir deste ponto de vista, emergem questões para as práticas: como constituir espaços e qualidade de relação que intensifiquem a confiança do bebê em si? Como ao invés de trabalhar no caminho do acúmulo de conhecimentos, ampliar a oportunidade de que experimentem a si mesmos, suas possibilidades e limites no contato com o entorno?

Percebemos nas relações adulto-criança na creche procedimentos onde o conhecimento lógico e legitimado ganha primazia, sendo reconhecido como “trabalho pedagógico”. Foi relevante nesta pesquisa tanto localizar esta

²¹⁴ FOUCAULT Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

valorização da razão pela razão (principalmente no que é reconhecido como “trabalhinho”), a mecanização e o automatismo do que se denomina cuidado, presente nas trocas depois do banho, na alimentação, quanto sublinhar momentos éticos, de abertura e escuta na relação dos adultos com as crianças e das crianças entre si, na perspectiva do conhecimento como estranhamento de si, o que torna possível redimensionar o sentido do cuidado. Os momentos em que observei com as recriadoras fotografias que compõem a pesquisa e lemos coletivamente trechos do meu caderno de campo foram cruciais neste movimento de reverem suas posições, entrando em contato com sensações, emoções e sentidos que suas ações assumem no cotidiano.

Foucault (2004a) afirma que no mundo greco-romano o cuidado de si constituiu o modo pelo qual a liberdade individual foi pensada como ética. Tratava-se de ocupar-se de si e conhecer-se, no sentido de dominar os apetites exacerbados. Assim, a ética era vivida como forma refletida da liberdade. Nas sociedades ocidentais, na modernidade, o cuidado de si se tornou algo suspeito, uma espécie de egoísmo ou individualismo.

A tese propõe a focalização das práticas de liberdade dentro das relações de poder que constituem crianças e profissionais na creche. Perguntar sobre o êthos, sobre a ética do/da profissional da creche, é perguntar sobre sua maneira de ser e de se conduzir, sobre sua postura, seu modo de praticar a liberdade: como age? Em quais direções? Como observa? Como considera criança? Como lida com seu impulso de tudo atender, com o cansaço, com as “predileções” afetivas por algumas crianças? Tantas são as emoções, sentidos e sentimentos envolvidos nos laços entre bebês e adultos em uma jornada de horário integral na creche, que se torna importante pensar sobre a relação entre mundo pessoal, feminino e mundo profissional como uma questão ética.

A pesquisa de campo foi realizada na creche Otávio Henrique de Oliveira, na comunidade de Rio das pedras, situada na 7ª CRE, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que a análise da cobertura do atendimento no município, permitiu afirmar que mais de 10% de todas as crianças atendidas no município e na 7ª CRE estão no Berçário I (crianças de 0 a 1 ano). Este percentual atesta a importância da discussão que envolve as peculiaridades do cuidado na relação com os bebês.

Além disso, os dados estatísticos confirmam que a maior parte das crianças atendidas pelas creches públicas encontra-se em periferias da cidade. A pobreza atravessa a creche, além de famílias com arranjos diferentes dos tradicionais e colocações dos pais no mercado informal. Vários aspectos do atendimento nesta instituição relacionam-se ao desprestígio, a um lugar desvalorizado no campo social, o que ao longo da história tem aligeirado o trabalho e a perspectiva política dele. Isso se explicita em perspectivas como: pode ser precário o que é para o pobre; o trabalho com os bebês inspira-se no que ocorre nos segmentos subseqüentes, principalmente na pré-escola.

No entanto, se pensamos o cuidado numa dimensão ética como traço importante do trabalho nestas instituições, elas ganham um novo lugar. Trata-se da valorização da experiência da comunidade, da colocação em questão da forma de ver e conduzir-se dos adultos, do enfoque das relações entre creche e famílias, da consideração do que pode um bebê e não só do olhar para o que necessita.

Em muitas situações da pesquisa de campo, seja na observação, fotografia ou nas entrevistas, eu percebia o cuidado como proteção, prevenção e a ação das profissionais marcada pela busca de uma eficiência e qualidade técnica (não trocar roupas nas mochilas, não fazer sujeira e “dar conta” do tempo cronológico previsto para cada tarefa). Havia também uma dimensão disciplinadora e individualizante nas suas ações, o que é reconhecido como qualidade de trabalho na atualidade. A tese, à medida que focaliza o cuidado de si como face fundamental do cuidado no cotidiano da creche, valoriza a atenção a si, aos sentidos possíveis no contato com os bebês, para que seja possível descobrir outros modos de ser com eles.

Trata-se de relativizar a disciplina, a automatização, para acessar as vias do sentir, pensar, olhar para dentro de si, tendo em vista também valorizar os movimentos iniciados pelas crianças, o prazer dos bebês com eles mesmos, a descoberta de si por parte deles. Como exposto no capítulo 3, proponho que o cuidado e, conseqüentemente, o exercício profissional destas mulheres seja vivido como espaço para uma atenção a si mesmas que possa abrir para as crianças espaços de valorização mais explícitos de suas iniciativas e experiências.

Na creche pesquisada, à medida que os adultos percebem-se trabalhando quando estão cumprindo a rotina, dando banho, dando de comer, ou quando estão ensinando algo, *dando* o conhecimento (como aparece nos eventos 4 e 5), nos momentos em que as crianças dormem, eles desaceleram, descansam, desligam. Quando proponho que cuidar envolve também observar, acompanhar a criança mais do que dirigi-la, compreender seu ritmo (talvez abrir espaço para um horário de alimentação mais estendido, menos corrido, por exemplo), passa a não existir uma discrepância tão grande entre momentos de aceleração e relaxamento.

As práticas na creche e as técnicas corporais vigentes (um modo de andar, ocupar o berço, sentar e usar a cadeira de alimentação, fazer “trabalhinhos” e comer) dão contorno e conformidade ao eu das crianças que vão sendo dirigidas e, como consequência, muitas vezes, exigem a presença incondicional dos adultos, chorando quando algum deles se levanta, erguendo os braços e pedindo colo em qualquer circunstância, dentre outras respostas e conformações a uma postura diretiva e muito marcada pela presença física constante deste adulto (o que lhe é custoso, cansativo e desgastante). Relações de cuidado como preservação e proteção constituem sujeitos-crianças marcados também por uma demanda de atenção individual e constante. Não dirigir as crianças, mas incentivá-las a dirigirem-se, desenvolvendo autonomia, escolha e iniciativa é uma forma de cuidarem do cuidado da criança sobre si, promovendo outra experiência da criança sobre si e com o mundo.

Em algumas circunstâncias da pesquisa, foi possível observar outras faces da relação das crianças entre si e delas com os adultos (mesmo que não reconhecidas por eles como práticas de cuidado valorizadas), que fortaleciam laços dos bebês, descoberta de possibilidades alternativas de exploração de objetos e parceiros, dentro dos espaços/tempos/materiais conformados para resguardar, individualizar e isolar. O evento 1 é um exemplo disto. O encontro de Débora e Kailane revela a capacidade de expressão e autonomia das crianças. Nesta trilha, é possível apontar o que pode um bebê, sua potência que se constitui nas relações.

Na tese, especialmente nos eventos 1, 3, 6, 7, 8 e 13 emerge o modo pelo qual os bebês apropriam-se de objetos e envolvem-se em relações, evidenciando iniciativas criadoras e comunicativas. Eles re-inventam sentidos para as coisas (como Débora e Anderson nas cadeiras de alimentação, eventos 6 e 7; ou a

menina e a ponta da estrela, evento 3); ofertam objetos (como Kailane com Débora, no evento 1); imitam-se e criam novos padrões de contato (como na brincadeira com o pano do evento 13); criam trajetórias singulares com o corpo no espaço dentro da transmissão da técnica de engatinhar (como acontece com João Vítor no evento 8). Na tese, proponho que dar visibilidade a esses contatos e modos de relação, é uma forma de colocar a criança num lugar de potência e deslocar o cuidar de uma perspectiva automática, mecânica, “tarefeira”, para um movimento de atenção a si e ao outro (a criança).

Muitas vezes, como é possível constatar no evento 5, há um trabalho pedagógico intencional, como apresentar as bolas, considerado pelo adulto como seu papel central, mas o modo como as crianças se apropriam deste objeto, as brincadeiras, conflitos e negociações que emergem quando se relacionam mediadas por ele, ficam invisíveis ou não notados pelos adultos. Em alguns depoimentos das recriadoras, as construções criadoras das crianças são nomeadas como “gracinhas”, quase algo inadequado. Na tese, sugiro que o cuidado numa dimensão ética envolve observar as trajetórias das crianças quando não estão sob interferência direta do adulto, mas movimentando-se em ambientes preparados por ele e sob seu olhar que encoraja e transmite confiança.

O que ocorre de modo fortuito (como no encontro de Débora e Kailane, como na menina e ponta da estrela) poderia converter-se em fortalecimento de espaços de encontro das crianças entre si e com o mundo, espaços de expressão de sensações e formas de comunicação, à medida que reconhecidos como aprendizagem e constituição de experiência reveladora da potência das crianças.

Na pesquisa, o olhar apareceu como canal intenso do contato entre adultos e crianças, como caminho de sustentar relações. No evento 2, a técnica de secar a vestir a criança, realizada de modo quase automático, é desconcertada pela intervenção do olhar da menina que busca a fralda e busca o olho da recriadora. No evento 12, o olhar das crianças está claramente absorto no objeto, mas isso não é observado pelos adultos, que insistem em deslocá-las de onde estão, colocando-as no balanço, forma tradicional de utilização do objeto.

No ato de cuidar numa perspectiva ética e humana, torna-se importante refletir sobre os caminhos do olhar. Por um lado, percebia o olhar das crianças, apoiando relacionamentos e a exploração do mundo (dirigindo-se a adultos, outras crianças e objetos), buscando o novo e a confirmação de si. Por outro lado,

percebia o olhar dos adultos, ora capturado pelas iniciativas infantis, ora voltado para o mundo do trabalho técnico (produção de materiais pedagógicos, arrumação de mochilas, dar refeição, dar banho, etc), não fazendo contato com os bebês.

Os eventos 10, 11 e 12 mostram diferentes formas através das quais os adultos consideram as iniciativas das crianças e observam a direção e as possíveis intenções delas. No evento 10, Elvis interessa-se pelos objetos e pela presença da recreadora, buscando contato com ela, tentando tocar no objeto que ela utiliza (a caixa de lápis). Estão em planos de ação diferentes e ele busca compartilhar. No evento 11, algo parecido acontece, quando Beatriz usa o corpo de Michelle como campo de exploração. A recreadora está focada em suas tarefas e “abandona” o corpo (o pé e as pernas) às ações da menina. Estes eventos mostram as iniciativas de contato das crianças, o interesse na partilha, as pistas que oferecem para o desenvolvimento de responsividade, desenvolvimento de respostas e complementariedade nas relações.

Na creche, o incentivo à autonomia das crianças, a valorização de que já possam comer sozinhas, caminhar, resolver o próprio choro relaciona-se com a aptidão para se tornarem independentes dos adultos, exigindo menos deles (que se sentem sufocados com tantas crianças). Também, relaciona-se com a possibilidade de galgarem mais uma etapa na estrutura disciplinar da creche, passando do Berçário 1 para o Berçário 2. Na tese, proponho o questionamento desta perspectiva, tendo em vista compreender o berçário como espaço de experiência, trajetória que não tem um fim preciso, previsível, mas que contribui para que as crianças construam confiança em si mesmas, nas suas possibilidades de escolher, comunicar, ter iniciativas. Isso pode ocorrer não na solidão ou no descaso, mas no acompanhamento atento dos adultos envolvidos no cotidiano, à medida que se questionem sobre como exercem suas ações, como cuidam de si e, conseqüentemente, das crianças.

A tese contribui para colocar em questão o *modo como observamos e o que vemos* das crianças pequenas. Quando nos colocamos frente a frente a um bebê, perguntamo-nos sobre seus sentidos acerca do mundo ou tendemos sempre a emprestar-lhe nossos sentidos? Modificamos sua posição, criamos hipóteses sobre seus desejos e possibilidades, ou observamos suas iniciativas? Cuidar é dirigir e interpretar os atos dos bebês ou acompanhá-los e dialogar com eles, assegurando

o valor de suas iniciativas, do que iniciam? Essas são perguntas orientadoras do ato de cuidar na creche.

Na perspectiva das recreadoras sobre suas funções, prevalece a idéia do ensinar as coisas do mundo, ensinar a andar, falar, comer, apresentar os objetos e seus nomes. A transmissão de uma técnica, na visão de Mauss (1974a)²¹⁵, predomina. A tese propõe a revisão desta perspectiva, entendendo o cuidado para além da transmissão unilateral (do adulto para a criança, também importante), mas como algo que, para ser dirigido ao outro, precisa passar por si mesmo.

Nesta linha, o conceito de atitude responsiva de Bakhtin (2003)²¹⁶ foi fecundo na interlocução com a perspectiva da ética nas práticas de cuidado. Atos das crianças tais como ofertar objetos, apontar, imitar emergiram como matriz criativa de relações, novos modos de ação, formas de ser das crianças. No cotidiano, os adultos são provocados a respondê-las, no sentido de se responsabilizarem, ou seja, desenvolverem responsividade no contato com os bebês. Isso não necessariamente implica em intervir diretamente em suas ações, mas pode sugerir observar, acompanhar com o olhar, tocá-las, registrar movimentos, envolvendo uma atitude ética por parte das recreadoras, uma prática refletida de liberdade no emaranhado das relações que as pressionam a dirigir os gestos, *ensinar a andar*, *ensinar a comer*, transmitir técnicas.

Responsividade e atitude ética entrelaçam-se como perspectivas importantes nas relações de cuidado na creche, para além da simples transmissão de técnicas, também importante na perpetuação da cultura.

A fotografia foi um importante recurso promotor de uma outra visibilidade para as ações e relações das crianças. A tese traz a fotografia como possibilidade tanto de colocar em evidência a potência expressiva das crianças, quanto de provocar a reflexão das recreadoras sobre suas ações, seus olhares e sobre as crianças, à medida que observaram e analisaram algumas destas fotos comigo.

²¹⁵ MAUSS, Marcel. As técnicas corporais In: _____ *Sociologia e Antropologia*. Vol II. São Paulo: EDUSP, 1974a.

²¹⁶ BAKHTIN Mikhail. *Estética da criação verbal* (tradução: Paulo Bezerra). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Na medida em que congela o instante, permitindo closes e focos de situações específicas, a fotografia favorece a contemplação, a indagação e a reflexão dos participantes da cena sobre seus possíveis sentidos. O registro das cenas do cotidiano e dos eventos colocou-se como estratégia singular de indagação das profissionais da creche sobre seu trabalho.

De acordo com Pence Dalhberg e Moss (2003)²¹⁷, o conceito de qualidade no trabalho com as crianças pequenas tem sido definido a partir de padrões generalizáveis, assim como as prerrogativas da cidadania da criança (por exemplo, o não trabalho, a ligação com um modelo de família, etc), como se pudesse haver uma essência de qualidade, uma verdade objetiva, alcançável e conquistável para todos. Os autores sugerem que a qualidade na educação da primeira infância implica num processo de construção de significados contextual, contingente, participativo, que desvia do relativismo absoluto, tendo em vista que envolve possibilidade de tomada de decisões sem códigos universais totalizantes, mas amparado pela ação e responsabilidade em fazer escolhas, pela negociação.

A fotografia e a documentação²¹⁸ das práticas, dos fazeres, dos atos da criança permitem sua re-significação constante, permitem que fique claro a valorização que o ambiente faz de suas iniciativas e de suas construção, mobilizando a constituição de sua subjetividade em outras direções.

Há um plano discursivo moderno, que esquadrinha e enquadra quem são e devem ser as crianças, evidenciado nas leis e teorias que as focalizam; mas, há escassa documentação, registro e mapeamento do pode uma criança, qual o caminho de construção de sua trajetória no mundo social, *como* se enreda nos discursos e nas práticas dos adultos e como as reinventam. A família nuclear moderna (no seio da população), as Ciências, dentre elas a medicina, objetivaram a infância e constituíram procedimentos de subjetivação a partir dos quais um eu infantil forjou-se, na dependência do adulto, marcado pela falta. Esta pesquisa busca olhar o bebê de outra maneira, observando como iniciam contatos, as imitações, as trocas de objeto, focalizando outras conformações do eu, atravessadas por uma rede de sociabilidade mais ampla do que a família (a comunidade, a sociabilidade própria da creche), por outros modos de

²¹⁷ PENCE, Alan; DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter. *Qualidade na Educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

²¹⁸ Pence; Dalhberg e Moss referem-se ao ato de fotografar as práticas como ato de documentá-las.

relacionamento, entre pares, crianças-crianças. Essas outras formas sociais nas quais as crianças estão enredadas, para além da família nuclear, promovem outros modos de ser criança, e novas possibilidades para o exercício do cuidado, envolvendo adultos e criança.

Pence, Dahlberg e Moss (2003) propõem que instituições (tais como as creches em nossa realidade) que são instâncias reguladas e sustentadas pelo poder público, mas têm uma raiz e uma prática comunitária, ou seja, ligadas às associações humanas não coagidas, acabam por apresentar brechas mais claras para a ação criadora e reflexiva de seus agentes, no sentido de pensarem criticamente sobre o que, em geral, é aceito como auto-evidente (horários inflexíveis, não participação da família, por exemplo). As interações horizontais (no caso da creche, o fato das recreadoras serem parte também da comunidade) favorecem confiança, reciprocidade e respeito mútuo. Neste plano de análise, os autores sugerem que instituições como a creche podem ser entendidas como *“fóruns públicos situados na sociedade civil em que crianças e adultos participam juntos em projetos de importância social, política, e econômica”* (p.101), espaços de debate, auto-reflexão e construção de novas formas de cidadania e participação social. Assim, no lugar de lar substituto, ou espaço de um assistencialismo irrefletido, a creche pode constituir-se como instituição comunitária de solidariedade social, comprometida com a qualidade de vida da comunidade, mas tendo a própria comunidade como participante neste processo, discutindo o que é competência do Estado, quais as outras associações facilitadoras da ação pública.

Na pesquisa²¹⁹, foi constatado que as duas creches públicas de Rio das Pedras atendem menos de 10% das crianças da comunidade e que há ainda uma ampla rede de creches comunitárias ligadas à associação de moradores. Portanto, a realização deste estudo em uma das creches onde o caráter comunitário encontra-se com o público (apesar de todas as contradições expostas no capítulo 2), representa uma grande responsabilidade no sentido de dar visibilidade a esse atendimento e indicar caminhos educacionais, sociais e políticos para o trabalho com as crianças pequenas, especialmente com os bebês. Assim, emergiu a urgência de ir além das práticas instrumentais; não aquietar-se diante do contágio dos modelos da pré-escola que se colocam como forma das profissionais

²¹⁹ Ver capítulo 2.

reconhecerem-se como professoras; valorizar o caráter comunitário, a horizontalidade que marca as relações ente famílias e recriadoras, sem aligeirar a garantia de condições concretas para o trabalho diário das profissionais com os bebês (atentando para o número de adultos por criança, vínculo empregatício digno, construção de rotinas abertas e flexíveis). Hoje, a creche lida com contradições graves. Ao mesmo tempo que o trabalho com os bebês é assumido e valorizado, as condições para sua realização são frágeis: escalonamento de pessoal que não atende o requisito legal (não há nunca 5 profissionais para cada criança, como é estabelecido por lei); fragilidade na formação (inicial e em serviço). Ir além da perspectiva desqualificada do trabalho na creche significa tanto discutir as nuances das relações com os bebês, o que nesta tese emerge pela qualificação do cuidar, quanto garantir condições concretas de trabalho, tais como qualificação profissional, salários e vínculos empregatícios.

Alguns pontos de tensão surgiram do estudo e sugerem aprofundamento posterior, constituindo-se em pauta para novas pesquisas.

Foi peculiar perceber nas recriadoras a tensão entre colocar-se no lugar de mães das crianças (chamam-se de mães de alguns bebês no dia a dia) e desqualificar as mães de fato (apontando que são desatentas, descuidadas). Parece que há um lugar idealizado de “ser mãe” e que se sentem muito importantes na vida daquelas crianças (mais do que as próprias famílias e mães reais). Essa questão relaciona-se também com a tendência na creche de tornar privadas situações que são públicas, quer dizer, compreender os laços com as crianças da creche tal qual os laços com os próprios filhos e sobrinhos. Os relacionamentos com as crianças pequenas nas instituições são ricos porque são alternativas ao modelo relacional parental, funcionando de modo complementar à família. O vínculo com a criança é forte, mas diferente do familiar. Essas questões relacionam-se com a complexidade na constituição da subjetividade destas mulheres-profissionais do cuidado. Trata-se de tema que poderá se desdobrar deste estudo ou suscitar outras pesquisas.

Outro ponto é a discussão sobre o lugar da higiene, do sono e da alimentação no cotidiano. Se, por um lado, discuto criticamente a perspectiva mecânica destes momentos, que, de modo geral, circunscrevem a compreensão do cuidar, restringindo-o; por outro lado, é relevante aprofundar diferentes formas de vivê-los, talvez em pesquisas onde diferentes rotinas sejam cotejadas. À medida

que a visão do cuidado é ampliada, as recreadoras são conduzidas a estranhar o que parece sempre natural (dar de comer a todos os bebês no mesmo horário, todos dormirem ao mesmo tempo). Conseqüentemente, quais as alterações que podem ser geradas nas rotinas concretas? Como fazer de outra maneira?

Enfim, um dos desafios das políticas públicas e iniciativas práticas atuais é desconstruir a idéia de que a assistência é um pólo negativo do trabalho na creche, no contraponto da educação, considerada como pólo positivo. Neste sentido, o cuidado pode ser entendido como função central da creche: é atitude ética na relação consigo mesmo e com o outro.